

Oeste Catarinense

Em fevereiro de 1948, tive a feliz oportunidade de percorrer pela primeira vez o Oeste Catarinense. Fui aconselhado por alguns amigos a levar comigo uma arma de fogo, porque a gente lá de cima, pensavam eles, resolvia tudo no trabuco. Lá, estava situado o nosso far-west. Encontrei um povo operoso, progressista e sobremodo hospitaleiro. Cidades de poucos anos, com índice de educação muito alto. Vida social. Bons jardins. Estações de rádio, ótimos clubes. Magníficas residências. Grandes indústrias. Comércio movimentadíssimo até com o exterior. Lavouras bem orientadas. Produção formidável. Logo compreendi que havia muita ignorância sobre o Oeste Catarinense e que muita gente do litoral ainda não compreendera o seu período de formação, assim como os americanos compreenderam a sua marcha para oeste, sem que ninguém ouse afirmar que aquilo é a atual civilização americana!

Ao regressar a Florianópolis, escrevi um artigo para “A Gazeta”, intitulado “Impressões sobre o Oeste Catarinense”, que alcançou uma repercussão fora do comum. Muitas pessoas perguntaram-me se eu não tinha carregado nas tintas... Ou se era a imaginação do escritor que vira miragens! Não houve exagero. Pelo contrário, houve muitas omissões. Não dei sequer aos leitores de “A Gazeta” uma ideia do valor real que aquela futurosíssima zona atualmente representa para o Estado.

Data daí o meu grande interesse em preparar um livro que conseguisse mostrar em toda a sua pujança o Oeste Catarinense a Santa Catarina e ao Brasil. Mas, eu não desejava escrever um livro técnico ou especializado, que só fosse manuseado pelos estudiosos. O meu pensamento estava fixado numa obra capaz de divulgar a privilegiada região sob uma forma simples, tão simples que até os analfabetos, em tão grande número no país, pudessem sentir a sua evolução e acreditar no futuro brilhante que o destino por certo lhe reservou carinhosamente.

Comecei a ler os livros em que na América do Norte são mostrados os Estados e as suas grandes cidades. Não era bem aquilo o que me animava a empreender; contudo, daquele modo descobri a orientação para traçar o meu programa. Se não era um álbum o meu escopo, seria pelo menos um livro em que as fotografias e os números falassem com toda a eloquência. Já com a síntese dos elementos que iria recolher e com os mapas executados pelo Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, parte, ao iniciar fevereiro deste ano, pela segunda vez, via Joinville, para Porto União. Incluí nos meus estudos, pela ordem das visitas: Porto União, Caçador, Videira, Tangará, Joaçaba, Capinzal, Piratuba, Concórdia e Chapecó. Porque exclui Campos Novos e Curitiba? 1) Esses municípios são bem conhecidos no Estado; 2) Com o novo quadro territorial do Estado, parte do rico vale do rio do Peixe não mais lhes pertence. É bem verdade que Chapecó não é banhado pelo rio do Peixe. Mas Chapecó divisa com o Rio Grande, Argentina e Paraná e é quase um terço menor do que a Suíça e que conta com mais de 100.000 habitantes. Além disso, a zona que me propus estudar está toda compreendida no famigerado território do Ex-Contestado, com exclusão é óbvio de Canoinhas e de Mafra.

Em Porto União, por recomendação do amigo Cap. Mário Guedes, conheci e tornei-me amigo do modesto, mas competente jornalista Prof. Hermínio Milis. O trabalho que escreveu sobre Porto União para o meu livro dispensa outra apresentação. É só lê-lo para crer. Foi, ainda, o meu cicerone naquela importante e simpática cidade.

Caçador foi a meta seguinte. Lá, Nelson Dias não me largou um só instante. A primeira visita dediquei ao meu velho e querido conterrâneo jornalista Cel. Cid Gonzaga, que dirige com muito brilho o jornal “A Imprensa”. Ao Campo Experimental de Caçador, fomos na companhia do Dr. Tasso de Miranda. Essa obra notável do governo federal merecerá uma reportagem especial na parte dedicada a Caçador. Também visitei a fábrica de cerveja Pressanto, o moinho de trigo Maffesoni, a fábrica de papelão, algumas das mais importantes serrarias, a Cantina da Sociedade Vinícola Caçador, etc. Guardo a melhor impressão do Prefeito José Kurtz, que se esforça em realizar uma eficiente administração. O Rotary Clube de Caçador, por intermédio do associado Eduardo Haymussi, convidou-me a tomar parte em uma de suas costumeiras reuniões. Tive o ensejo de externar o objetivo de minha viagem e prestar justa homenagem aos gaúchos, que foram os pioneiros da colonização do oeste catarinense. Visitando a jovem pintora caçadoreense Margarida Gioppo, admirei a sua coleção de telas e trouxe três fotografias das que mais me tocaram a sensibilidade para ilustrar o meu livro.

A noite de sábado, parece-me que era o dia 11 de fevereiro, já cansado, quando ia para o hotel, pois viajaria no outro dia para Videira, fui convidado por um colega para integrar a comissão que iria visitar os clubes na companhia do Rei-Momo. Não achei interessante a ideia do confrade. Mas quando me afirmou que conosco iria o Prefeito José Kurtz, tive vontade de conhecer a personalidade daquele prefeito opositor. Ele chegou na camionete que vinha apanhar-nos e o Rei-Momo. Trajava-se com elegância e a sua simpática senhora estava coberta por uma linda capa de pele. O veículo rumou para um baile afastado do centro, onde se divertia a gente pobre do lugar. O sr. José Kurtz foi recebido sob palmas. Sentamo-nos em uma mesa situada no canto esquerdo do salão. Dançou com a esposa. Depois, enquanto saboreávamos uma galinha assada, oferecida pela Diretoria, contou-me emocionado o pleito renhido que o elegera com a diferença mínima de 11 votos e fez justiça a habilidade de seu competidor Cel. Carlos Sperança. Perguntei-lhe se se sentia bem naquele meio modesto. Confessou-me ser uma maneira prática de auscultar a necessidade do povo e observar a reação que o mesmo manifestava junto ao administrador que dirigia o destino da comunidade. Frequentava também quando convidado, na companhia da distinta esposa, as festas e os bailes dos homens de cor. Um administrador assim despido de preconceito e tão sereno torna-se forçosamente querido e admirado da sua gente. Também nessa noite assistimos ao baile do Clube 7 de Setembro, da elite local, que me deixou bem impressionado pela fineza de seus frequentadores e pelo gosto com que foi construída a sede própria.

No outro dia, pelo misto da Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina, chegando a Videira, logo procurei o meu amigo e conterrâneo, Dr. Ricarte Freitas, que me apresentou a sua distinta esposa e galantes meninas. Tomei em sua casa, por diversas vezes, um saboroso cafezinho. Parece que abusei da hospitalidade daquele casal amigo, mas o fato é que o café era ótimo e que em Videira não há casa de café e sim muitos bares. Também fui convidado por esse amigo a tomar parte na reunião do Rotary Clube de Videira, onde, agradecido pela gentileza, falei sobre o objetivo da minha viagem. Fui muito distinguido pelas pessoas cultas da cidade, mas não posso deixar de assinalar a gentileza do Prefeito Ângelo Ponzoni, Dr. Ricarte Freitas, sr. Alfredo Odilon Taborda Ribas, Clemente Cunha e o sr. Mário Lopes, que é o presidente do Rotary Clube e do Diretório do Partido Social Democrático. Não seria justo omitir a visita que fiz ao campo de aviação de Videira, na amável companhia do Prefeito Ângelo Ponzoni, que é um entusiasta da aviação. Dali, parti para Tangará, um dos novos municípios recém-criados, onde a oposição venceu o pleito eleitoral. Levei carta de apresentação que a bondade do Dr. Ricarte Freitas escreveu para o Prefeito Alberto Milton Menezes e para o Dr. Antônio Teixeira Pinto. O Dr. Antônio Teixeira Pinto, que é um médico que goza de muito prestígio na zona, com a sua proverbial hospitalidade, não me deixou sair de sua casa sem que primeiro almoçasse no seio de sua distinta família. Foi uma gentileza que me deixou comovido. Apreciei a fineza da sua digníssima esposa e como eram bem educadas as crianças. O Prefeito Alberto Milton Menezes, no seu valente fordeco, mostrou-me o progresso e as belezas naturais da futura cidade, à tarde, mandou rodar o filme sobre Tangará, para que o jornalista formasse uma ideia exata da riqueza do município e como transcorreram animadas as festas da posse do Prefeito eleito e dos senhores Vereadores. No outro dia, visitei a Prefeitura, Câmara Municipal. Clube Rio Bonitense e algumas indústrias. É de justiça salientar a boa vontade do sr. Heinz Hauffe, Gerente do Banco INCO, que se entusiasmou pela minha iniciativa cultural e muito me ajudou.

Rumando de trem para Joaçaba, já levava comigo uma magnífica impressão dos

municípios visitados, onde mais uma vez senti o valor daquela gente trabalhadora e como era cálida e espontânea a sua hospitalidade. Joaçaba, que se encontra sob a administração do dinâmico Prefeito Oscar Rodrigues da Nova, foi onde demorei mais na minha excursão. Já lhe havia feito justiça quando escrevi o citado artigo de impressões sobre o oeste catarinense. Ao escrever dinâmico Prefeito, fui levado por impulso de sincera admiração pela estupenda realização de seu governo. Nem lhe estou fazendo favor algum. Acho que sem diminuir os demais edis catarinenses, o sr. Oscar Rodrigues Da Nova é um dos mais eficientes administradores que tive o prazer de conhecer.

Logo no primeiro dia, na companhia do velho amigo e conterrâneo Boaventura Varela, Gerente da Filial da Casa Hoepcke, visitei as obras do majestoso campo de aviação, que estão sendo realizadas, pelo menos até o momento que regressei a Florianópolis, exclusivamente com os recursos da Prefeitura. Posso dizer que se trata de uma obra para ser construída pelo governo federal, e não por uma prefeitura dos recursos da de Joaçaba. Dentro de mais alguns meses, começarão a operar aviões de carga, misto e passageiros de grande raio de ação. Na minha volta de Chapecó, o avião da Brasil Organização Aérea S.A. (BOA), que me trouxe a Florianópolis, fez uma ótima decolagem. Essa companhia tem prestado bons serviços

com os seus táxis aéreos, ligando Curitiba e Florianópolis a Caçador, Videira, Joaçaba, Xanxerê e Chapecó. O Estádio Municipal é outra realização do Sr. Oscar da Nova, que honra uma administração. Não conheço um igual no Estado e o seu gramado não pode ser inferior aos dos grandes centros. Pareceu-me que estava pisando num tapete de luxo. Não há uma falha sequer.

Depois, no outro dia, na companhia do Prefeito Oscar da Nova, líder Nunes Varela e Dr. Santa Rita, visitei o novo edifício da Prefeitura em construção, o Hospital Santa Terezinha, e as nove ruas e avenidas que foram abertas na administração Oscar da Nova. Deve-se ressaltar que o sr. Oscar da Nova não se limitou a olhar só para a cidade. Olhou carinhosamente para os distritos, rasgando boas estradas e oferecendo-lhes constante assistência.

Nas paredes da Prefeitura encontram-se cartões com estes dizeres: “Todos os livros e documentos da Prefeitura Municipal de Joaçaba, com relação à receita e despesa do Município, estão à inteira disposição de quem queira examiná-los. a) Oscar R. da Nova Prefeito Municipal “. “Solicitamos encarecidamente não gratificar qualquer funcionário, ainda que sob qualquer pretexto”.

Em Joaçaba, graças ao fino espírito do Dr. Brasília Celestino e gentil esposa, foi-me possível assistir a um espetáculo de arte que me encheu o espírito de satisfação. Lá se encontrava o tenor dramático João Cavaliere, mais conhecido como o Pequeno Caruso. O Dr. Brasília Celestino correu uma lista entre as pessoas de destaque da cidade e conseguiu a Rádio local para o concerto. Foi uma noite inesquecível. O Dr. Brasília, que é conhecido no Estado como eloquente orador, pronunciou um discurso de apresentação muito vibrante, que comoveu e inspirou o artista. O auditório da Rádio, completamente lotado, aplaudiu com entusiasmo o grande tenor dramático, inclusive as meninas que lá estavam em grande número e que eram todas alunas de música.

Frequentei também a Sociedade, estando presente aos bailes de carnaval. Não constitui favor e nem mera gentileza registrar o alto índice de educação social do povo de Joaçaba.

Também devo ser agradecido ao sr. Leonidas Menel, que foi um colaborador desinteressado deste livro. Cheguei a Capinzal à noite. Esse é outro município recém-criado. No dia seguinte, logo cedo, entrei em contacto com o sr. Silvio Santos, Prefeito Municipal, que fora eleito sem competidor, conseguindo dessa forma unir em torno de seu nome as forças políticas do novel município. Simpatizei logo com ele e senti que se esforça para imprimir um ritmo ascendente de progresso à comunidade que tanta confiança lhe ofereceu. Mostrou-me o bem instalado Frigorífico Ouro e algumas de suas realizações à frente da administração municipal. Depois levou-me ao Clube Ateneu, muito bem instalado em sua sede própria, onde tive o prazer de conhecer diversas pessoas de destaque do local.

O Prefeito Silvio Santos foi incansável. Ora de jeep, ora de automóvel, levou-me aos diversos pontos da cidade, inclusive ao campo, onde se avista a fronteira do Rio Grande, para que eu tivesse uma ideia mais ampla do município. Depois, pôs à minha disposição o Secretário da Prefeitura, sr. Carlos Bronze Jr., que além de gentil me foi muito útil. Recolhi bom material em Capinzal e guardo de seu povo, ótima impressão.

A sua igreja matriz, quase em fase de conclusão, é uma obra grandiosa que honra uma cidade.

Creio no grande futuro que a Providência Divina destinou a Capinzal e estou certo de que o espírito acentuadamente religioso de seu povo há de merecer sempre as bênçãos do céu.

Com um pouco de atraso, o trem chegou à estação de Piratuba, à noite de sábado, de 25 de fevereiro último. Fui para o hotel e só na manhã de domingo saí para conhecer a cidade. Entrei em contato com o sr. Adolfo Heinz, Gerente do Banco INCO, que logo me apresentou ao sr. Arnildo Freitag. Este convidou-me para o churrasco em sua casa, em honra do batizado de seu caçula. Lá, conheci muitas pessoas da sociedade local e o seu velho pai, Leopoldo Freitag, que é um dos grandes pioneiros do município.

Após o churrasco e uma boa palestra, onde nunca faltou a cerveja gelada, fomos de camionete até o rio Pelotas assistir à pesquisa que se estava fazendo para descobrir o corpo do infeliz chofer de um caminhão de carga, que trazia a placa do município vizinho gaúcho: Lagoa Vermelha. O veículo, carregado de sacos de batatinha, ao descer a balsa, do lado de Piratuba, devido à ponta do eixo traseiro quebrada, foi pela balsa a dentro para o fundo do rio. O chofer, sabendo que era impossível frear o caminhão, gritou com os balseiros que se afastassem e jogou-o ao rio para evitar maior prejuízo. A verdade é que saiu do caminhão, porque quando foi retirado o veículo do fundo do rio o corpo não apareceu. Nessa ocasião, ficou constatada a quebra da ponta do eixo traseiro.

Chegamos lá na hora em que o movimento de busca era mais intenso. De vez em quando, chegavam ônibus repletos de curiosos. Havia cinco canoas e a lancha a motor da balsa procurando, com ganchos e anzóis, fisgarem o corpo do infeliz. Vez ou outra, eram erguidos sacos com batatinha. A multidão ociosa, que discutia os prós e os contras da busca, dividida pela suposição de que o cadáver descera o rio ou que se encontrava embaixo da carga, vibrava quando algum saco era pescado. Como sempre acontece nessas oportunidades, poucos trabalhavam e muitos davam ordem. A garrafa de cachaça passava de mão em mão, onde se notava o espírito generoso de seus donos.

Mais ou menos às quatro horas da tarde, ouvi de diversas pessoas a confirmação de que o corpo seria encontrado. Por que? Porque, na balsa, do lado do distrito de Machadinho, vinha vindo a Bandeira do Divino. Atravessando o rio Pelotas, a Bandeira do Divino, alçada por um senhor, foi levada a uma canoa, que se afastou da margem, conduzindo três pessoas. Aquele que conduzia a Bandeira do Divino, após lançar ao rio uma tabuinha com três velas acesas, começou a chamar em voz alta pelo nome do defunto. A tabuinha começou a circum navegar nas proximidades em que o caminhão afundara com a carga.

Eu estava convencido de que o corpo, já inchado, tinha descido na véspera o rio. Mas, a verdade é que a tabuinha não saía daquele círculo. O nosso grupo tomou a lancha a motor e fomos investigar pelas suas margens, na parte navegável. Tudo em vão. No dia seguinte, madrugada ainda, após serem erguidos cinco sacos de batatinha, o corpo boiou justamente no local onde circum navegou a tabuinha, que levava as três velas acesas!

Uma surpreendente coincidência, não resta dúvida. Conversando depois com o sr. Frederico Poy Filho, Prefeito Municipal de Piratuba, contei-lhe da minha admiração e perguntei-lhe como se explicava o acontecido. Respondeu-me que não havia explicação mas que sempre acontece assim. Ele mesmo, há seis meses, assistira a outro fato idêntico. Mais surpreso ainda, fui procurar o sr. Leopoldo Freitag, que é um dos habitantes mais antigos dali, o qual me esclareceu que sempre que não se encontra o corpo do afogado o povo apela para aquela simpatia e dá certo.

Deixo consignado o fato para que os nossos folcloristas o registrem se para tal for julgado digno.

Ainda na tarde de domingo, houve outro churrasco. O Prof. Antônio Homero Ramos, Diretor do Grupo Escolar, festejava o seu aniversário natalício. Foi uma festa familiar e encantadora. Pessoas de destaque da cidade, pertencentes aos dois partidos políticos, confraternizavam-se. Que belo exemplo de democracia! Depois da churrascada, continuaram a correr os jarros com cerveja. E logo os músicos apanharam os seus instrumentos e ouviu-se boa música e belos cantos. Povo feliz.

No dia seguinte, visitei o sr. Frederico Poy Filho, Prefeito Municipal, e Rubem Haro dos Anjos, Secretário da Prefeitura, que acabavam de chegar da festa da uva em Caxias. Logo se interessaram pelo meu livro e quiseram cooperar na melhor apresentação do município de Piratuba, que é um dos recém-criados.

O sr. Rubem Haro dos Anjos é autor de uma monografia sobre o município de Piratuba. Com a devida licença, aproveitei grande parte de seu trabalho.

Visitei o Clube local e tenho a esperança que o encarregado da estatística ainda descreva, como me prometera, a encantadora e divertida festa do Kerb, com a qual o povo se diverte durante três dias e três noites consecutivas.

Também recolhi boa impressão do Frigorífico Ipira, quando o visitei na companhia do sr. Arnildo K. Freitag. Registro desvanecido as gentilezas que recebi do sr. Adolfo Heinz, Gerente do INCO, e ex-candidato a Prefeito pela União Democrática Nacional.

À noite, quando tomei o trem para Marcelino Ramos, contei com um grupo de novos e gentis amigos que quiseram ir ao meu bota-fora, inclusive o sr. Frederico- Poy Filho. A minha ida a Marcelino Ramos prendia-se ao meu interesse em ver o famoso rio Uruguai logo na sua formação e não perder a oportunidade de conhecer os distritos de Uruguai, Esteves Junior e Volta Grande; no último fica a estação da estrada de ferro do mesmo nome por onde escoa a produção de Concórdia e que pertence a este município. Devo esclarecer que o Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, bem como os mapas antigos do Estado, dão a formação do rio Uruguai na confluência do rio Pelotas com o rio Canoas.

De Marcelino Ramos fui de ônibus para Concórdia, onde conversei ligeiramente com o sr. Fioravanti Massolini, Prefeito Municipal, que, estando de partida para Florianópolis, me atendeu gentilmente no que lhe foi possível dentro do tempo que dispunha e me autorizou a procurar o Deputado Dr. Estivalett Pires e o sr. Atilio Fontana, Presidente da Câmara Municipal, ambos meus conhecidos. Encontrei a cidade de Concórdia progressista e bem cuidada. Fazia dois anos que lá estive e era bem diferente a sua fisionomia. O Prefeito Fioravanti Massolini está realizando uma boa administração, fato que me deixou satisfeito. Encontrei também muito progresso impulsionado pela iniciativa particular.

Só a S.A. Indústria e Comércio Concórdia, com o seu grande moinho e frigorífico, é uma fonte poderosa de riqueza para o município. O sucesso desta organização industrial é fruto da inteligência e capacidade de trabalho do conhecido industrial Atilio Fontana.

Na companhia do Deputado Estivalett Pires, visitei a nova residência do sr. Atilio Fontana quase concluída, que pelas linhas revolucionárias da arquitetura será objeto de curiosidade para as pessoas de bom gosto.

Também devo registrar o interesse que o sr. João G. Wittée, Gerente do Banco INCO, demonstrou pelo meu livro. Observei no oeste catarinense que os homens da lavoura, do comércio e da indústria não esperam tudo do governo. Pelo contrário, possuem espírito público e procuram sempre prestigiar ou mesmo amparar as grandes realizações oficiais. Não é de outra maneira que se compreenderá que cidades de poucos anos de existência tenham alcançado um desenvolvimento tão rápido como aconteceu com muitas delas no oeste catarinense. Em Concórdia, como em toda a região, o homem unicamente se preocupa em prosperar. Para a consecução desse justo objetivo não se cansa de produzir. É confortadora a impressão que o observador sente ao entrar em contacto com uma população assim valorosa, simples e hospitaleira. Para melhor conhecer o célebre rio Uruguai, deixei Concórdia com destino a Erechim, no Rio Grande do Sul e de lá, no outro dia, rumei para Chapecó.

Não devo alongar-me muito em pormenores às vezes sem muito interesse.

Há tantas novidades no oeste catarinense que espero que as ilustrações contidas neste livro expressem mais e melhor a sua importância de que mesmo as palavras. Dir-me-ia um sonho se não estivesse comigo a prova do material recolhido. Por exemplo, muita gente acha aqui no litoral que naquela zona existe o latifúndio. Puro engano. Quem conhece a obra realizada pelas companhias de colonização fica admirado pelos relevantes serviços que prestaram ao nosso Estado. Chapecó é um município de uma área enorme, quase um terço da Suíça. Ali, como em toda a região, só não dá o que não se planta. As suas riquezas são variadíssimas. Chapecó possui muitas fontes de águas termais em exploração, que são procuradas até pelos estrangeiros. Há poços na cidade que se lhes não pode beber a água pelo gosto acentuado de querosene. Tenho cópia, que será transcrita na parte referente ao município, de uma análise do ferro de Quilombo, cujo teor de pureza é de 84,9! Visitei muitas das realizações do Prefeito Vicente Cunha, que também é homem de imprensa, na companhia amável do Deputado Dr. Cid Loures Ribas. O Dr. Cid é profundo conhecedor da história e da vida do município de Chapecó. Palmilhou toda a sua área e é inabalável a sua fé no grande futuro da prodigiosa região.

Lá conheci as figuras simpáticas do Cel. Ernesto Francisco Bertase e do Dr. Selistre de Campos. Este último, quando soube da minha missão cultural, prometeu-me colaborar se eu escrevesse Chapecó com ch. Por aí verá o caro leitor que Chapecó com ch é assunto muito sério para os seus cultos habitantes. Muito interessante é o trabalho do Dr. Cid Loures Ribas, que foi apresentado na Assembleia Legislativa pleiteando a grafia de Chapecó com ch.

O Dr. Selistre de Campos, que é um ilustre juiz aposentado, tem dedicado grande parte de sua vida em proteger e estudar a vida dos índios caingangas. Chapecó também está construindo o seu campo de aviação, que provavelmente será inaugurado em maio. Pela sua proximidade com a fronteira, não compreendo por que o governo federal ainda não auxiliou efetivamente o término dos campos de aterrissagem de Joaçaba e Chapecó. Não posso deixar de prestar uma homenagem aos irmãos Rauer pela magnífica casa de saúde que construíram na cidade de Chapecó e que dispõe de uma instalação modelo para o Sul do país.

Chapecó aumenta a sua população diariamente. Vi muitos caminhões chegarem ou passarem pela cidade cheios de famílias com todos os pertences, que vinham se fixar no município. O Dr. Cid Loures Ribas estima a população atual em mais de 100.000 habitantes e acha possível elevar o coeficiente eleitoral em 20.000 eleitores. Menciono o nome do sr. Leonardo Índio Fernandes, Agente de Estatística de Chapecó, que me apresentou os dados mais completos em toda a zona.

O nosso tropeiro é típico em diversas zonas do Estado, inclusive no oeste catarinense. Acho que não existe uma melhor descrição dele do que aquela feita pelo saudoso jornalista Crispim Mira, no seu raríssimo e valioso livro TERRA CATARINENSE. Ei-la:

“O tropeiro é um homem forte, sóbrio, gostador de mulheres, baralho e corridas de cavalos. Bota, espora, rabo de tatú. Usa chapéus de aba larga com barbicacho e borla. Pala grosso para o frio e ponche para a chuva. O ponche dobrado em rolo, dentro de uma capa de

couro ou de pano, preso aos tentos do lombinho, na garupa do ginete. Sobre a anca deste, à direita, o laço de cuja meada se desdobram três voltas em círculo, uma das quais, a maior, vai até o jarrete do pingo. Muitos gostam de bolas.

No pescoço, lenço grande, ramalhudo, de cores berrantes. Na cintura a guaiaca com uma portinhola de pele de lontra, a garrucha de dois canos e a adaga. Alguns trazem pala branco a esvoaçar num contraste com o verde gaio do campo. Os mais pacholas, pimpões ou “imitadores” enfeitam as montarias com lombinho de cabeça prateada, freio de serrilha e roldana barulhenta. Os outros carregam facões de metro e meio, a cujo esgrimir foi dado o nome de cotejo. Não havia outrora uma festa sertaneja na zona para além da serra do Mar, em que se não desse um destes terríveis encontros... Em essência, porém, gente boa, serviçal, dedicada e hospitaleira”.

Também encontrei inúmeras mulheres montadas, que usavam calças compridas debaixo do vestido e chapéu de homem, principalmente depois de Joaçaba.

A geologia da região ainda não foi devidamente estudada. Apelei para o Dr. Vitor Antonio Peluso Júnior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, para que escrevesse dentro da sua especialidade o que fosse possível sobre a geologia do oeste catarinense. O ilustre engenheiro contrerrâneo depois de muito relutar, preparou um trabalho sobre a bacia do rio do Peixe, que vai abaixo transcrito:

A BACIA DO RIO DO PEIXE

No Estado de Santa Catarina destaca-se por sua importância econômica, a bacia do rio do Peixe, onde se encontram oito dos seus mais progressistas e ricos municípios.

O rio do Peixe nasce no município de Porto União. Desde suas cabeceiras até sua confluência com o rio Uruguai, no limite com o Estado do Rio Grande do Sul, seu curso segue a direção geral NE-SW. A origem da bacia do rio do Peixe prende-se à de toda a bacia do rio Paraná, de que faz parte. No Estado de Santa Catarina o trecho desta bacia, que interessa no rio do Peixe, fica a oeste da Serra Geral, na região coberta por rochas básicas (basaltos e diabásios).

A bacia do Paraná é uma depressão continental, cujo eixo sinclinal atravessa a bacia no rumo Ne-SW. Ao sul do paralelo 28 Sul, a direção da depressão é para SW. Sobre grande parte dessa bacia houve, no período triássico, grandes irrupções vulcânicas que os geólogos têm denominado “diastrofismo paranaense” – por ter ocorrido na bacia do rio Paraná, e também “lavas da Serra Geral” – por terem as lavas, decorrentes das irrupções, formado a capa da escarpa chamada Serra Geral, em Santa Catarina. Entre as formas de vulcanismo que ocorre no globo, a de irrupções calmas, na qual as lavas saem lenta e regularmente de fendas abertas na terra, é uma das mais importantes pela extensa área que tais lavas cobrem. O exemplo atual deste tipo de vulcão é encontrado nas ilhas Hawaí, das quais escreveu De Martonne; “*rien de comparable au spectacle de cette chaudière où bouillonne constamment un lac incandescent, qui lance des jets de lave comme des jets d’eau*”. O diastrofismo paranaense foi resultante de esforços de tensão, devido aos quais o magma basáltico extravasou através das fendas, em derrames superficiais, que se superpuseram em camadas horizontais. Eminentemente geólogos têm atribuído a abertura das fendas (geoclases) ao despedaçamento do Gondwana, antigo continente que abrangia, desde a era paleozóica, o Sul da América Meridional, da África, da Ásia e da Austrália.

A importância dos lençóis de rochas eruptivas na bacia do Paraná foi fundamental na topografia de toda a área. No Estado de S. Paulo, o nível das eruptivas marcou a progressão da erosão de todo o planalto e nos Estados de Paraná e S. Catarina, são os filões contínuos da rocha efusiva que formam a direção tectônica mais importante da configuração topográfica e morfológica da área. O derrame de lavas atingiu não somente o Brasil, mas também o noroeste do Uruguai, grande parte do território das Missões e nordeste de Corrientes na Argentina e o oeste do Paraguai, alcançando a área de 1 200 000 km².

As rochas resultantes das irrupções são praticamente as mesmas, em toda parte coberta pelo derrame. Apresentam a mesma composição química, salvo variações locais. São elas basaltos, basaltitos, diabásios e meláfios. Estas últimas, próprias das regiões periféricas do derrame, encontram-se no planalto catarinense, particularmente no rio Uruguai e na região que se estende do rio do Peixe ao Peperi-Guaçu. A mesma composição, da sempre nas rochas do diastrofismo paranaense, aliada à uniformidade estrutural dos sucessivos derrames e à ausência de cones vulcânicos, levaram os geólogos a atribuir o derrame a ejeções de lavas extremamente fluidas, ocorridas calmamente.

Foi sobre o planalto basáltico, após o derrame, que teve início a formação dos vales. Não obstante saber-se que em toda a área predominaram deslocamentos verticais, que deram lugar a estruturas escalonadas, fossas e sinclinais rasas, de adaptação da crosta, as condições atuais de erosão do derrame e a pequena projeção vertical das falhas tornam extremamente difíceis as relações entre esses elementos e a origem dos diversos vales. Além disso, os geólogos, atraídos pelo interesse econômico de outras formações geológicas, pouca atenção tem prestado à área das lavas da Serra Geral, sobre a qual são poucos os estudos pormenorizados.

À vista disso podemos estabelecer, somente, as condições gerais da formação da rede hidrográfica da região. Após uma irrupção, formavam-se cursos d’água intermitentes, que seguiram a inclinação dos lençóis de lavas. A dissecação assim iniciada progredia através da incisão de profundos sulcos. Continuando a erosão, formavam-se cânions e o vale se alargava. O processo era interrompido por novos derrames, recomeçando a água a esculpir, da mesma forma que antes, os vales que se aprofundavam. A existência de derrames sucessivos, com espaço de tempo entre eles, está provada pelo grupo de rochas chamadas Série São Bento, existentes no limite Leste da área basáltica. Segundo a teoria de notável geólogo, logo após o resfriamento de uma camada de lava, havia deposição de sedimentos,

que eram cobertos pelas lavas de nova irrupção. Desta forma surgiu a Série São Bento, onde se alternam rochas efusivas e sedimentares. Sendo o basalto rocha permeável, em virtude de sua estrutura vesicular e das juntas que se formam quando do seu resfriamento, a água, além de esculpir os sulcos que abriam os vales, também penetrava na rocha, indo depositar-se em camadas impermeáveis. Com o progresso dos sulcos profundos surgiram, nas paredes destes, as fontes, quando as incisões alcançaram a água subterrânea. Os rios intermitentes tornaram-se, então, rios perenes.

Teve início, daí em diante, o processo de capturas, segundo o qual os rios de maior poder erosivo captavam as águas dos demais. O rio Uruguai, que seguia a inclinação do planalto, tornou-se o coletor principal. Esse processo geral foi complicado pelas falhas e diques que cortaram a região, modificando as condições que predominavam em função do declive do campo basáltico. A importância de diques e falhas é vista nos numerosos saltos e corredeiras que os rios do planalto apresentam. Frequentemente os saltos indicam o fim de um lençol basáltico, porém outras vezes são índices das falhas e fraturas.

O rio do Peixe, cujo curso segue a direção geral da depressão que é a bacia do Paraná, sugere sua origem em uma das fraturas que os geólogos dizem abundar na região. Tal hipótese, decorrente dos trabalhos dos cientistas que se têm ocupado da área do diastrofismo paranaense, não tem sido estudada, como aliás não têm sido devidamente pesquisadas as influências tectônicas na modelagem do relevo do Brasil meridional.

A única estação meteorológica da bacia do rio do Peixe encontra-se em Joaçaba. O conhecimento do clima da região, portanto, é possível somente através das observações registradas por esta estação. A temperatura média compensada anual é de 17°,7, com o máximo em janeiro (22°,5) e mínimo em julho (12°,3), sendo digno de nota que ambas as temperaturas são mais elevadas que as registradas no planalto ao Norte, na estação de Valões.

A média das máximas atinge 30°,5 em janeiro, baixando constantemente até junho, quando atinge 21°. A mais elevada máxima absoluta registrada foi em janeiro (39°), e a mais baixa mínima em julho (-6°,4). Nos meses de maio a setembro observam-se temperaturas abaixo de zero centígrado.

As chuvas são distribuídas igualmente pelas 4 estações. O máximo de precipitação ocorre em outubro (249.7 mm) e o mínimo em julho (102.7 mm).

O solo da bacia do rio Peixe é do tipo conhecido no Brasil pela denominação de “terra roxa”. No Estado de São Paulo, onde o tipo de solo é conhecido, origina-se igualmente da decomposição das rochas do derrame basáltico.

Não obstante a identidade de origem, convém não se generalizar da alta qualidade de tais solos. Na bacia do rio do Peixe há predominância de meláfrios, que quando são preenchidos por calcita dão solo rico, porém quando o são por sílica produzem solo mais pobre. Além disso tais solos, elaborados sob condições climáticas diversas, apresentam, sem dúvida, variações.

Outro tipo de solo associado ao derrame basáltico é o chamado “terra roxa encaroçada”, proveniente do teor de matéria orgânica e da atividade dos colóides que dão à terra roxa grande poder de agregação.

A terra roxa, solo extremamente rico, degenera-se rapidamente quando perde a matéria orgânica. Insigne pedólogo brasileiro, depois de estudar o teor de fósforo, cálcio e potássio das terras originadas das lavas da Serra Geral em São Paulo, escreveu: “nos climas temperados quase superúmidos sem estiagem dos planaltos catarinense e sul-paranaense (Guarapuava), os teores apresentados pelas terras roxas virgens são bem mais baixos, mesmo bastante próximos das terras cansadas de Ribeirão Preto, mas o teor de humus e de azoto são muito mais altos, garantindo, mediante aplicações de calcário em pó, agricultura de alto rendimento”.

BIBLIOGRAFIA

VICTOR OPPENHEIM - Rochas Gondwanicas e Geologia do Petróleo do Brasil Meridional - Boletim n. 5 do DNPM 1934 pgs. 37 a 45.

REINHARD MAACK - Exploração Geográfica Geológica em Santa Catarina - Trad. por Gerson de Faria Alvim - Imprensa Oficial do Estado - 1941 - pgs. 40 a 44.

REINHARD MAACK - Breves notícias sobre a Geologia dos Estados do Paraná e Santa Catarina - Separata dos Arquivos de Biologia e Tecnologia - Imprensa Paranaense - 1947 - pgs. 95, 135, 136.

AVELINO INACIO DE OLIVEIRA e OTON HENRI LEONARDOS - Geologia do Brasil - Serviço de Informações Agrícolas - Rio - 2ª edição - 1943 pgs. 499 a 501.

LUIZ FLORES DE MORAIS REGO - Notas sobre a Geomorfologia de São Paulo e sua

Genesis - São Paulo Editora Ltda. - São Paulo - 1932 - pgs. 9 a 12.

A. K. LOBECK - Geomorphology - Mc Graw Hill Book Company, Inc. - New York - 1939 - pgs. 494, 663, 676.

EMM. DE MARTONNE - Traité de Géographie

Physique – 7ieme edition – Tome Second – Lib.Armand Colin – Paris – 1947 – pgs. 731, 732, 743.

S.JAMES SHAND – Eruptive Rocks – Revised Second Edition – John Willey & Sons, Inc. – New York – 1943 – pgs. 271.

WILMAR DIAS – Notícia sucinta sobre o clima de Porto União e Caçador – DEGC, Bo- letim Geográfico n. 3 – janeiro de 1948 – Florianópolis – pgs. 70 a 72.

JOSÉ SETZER – Levantamento agro-geológico do Estado de São Paulo – Serviço Gráfico do IBGE – Rio – 1941 – pgs. 13.

JOSÉ SETZER – Curso de Pedologia – Boletim Geográfico – N. 67 – outubro de 1948 – pgs. 772 a 774.

ALGUNS DOS MAIS IMPORTANTES PRODUTOS VEGETAIS DO OESTE CATARINENSE

MATE – A erva-mate, que é originária da América do Sul, tem no oeste catarinense uma grande importância, quer pelo seu consumo, principalmente sob a forma de chimarrão, quer pela sua produção. Até 1930, pesava na balança comercial. Seus ervais ainda hoje formam florestas. A erva-mate pode ser classificada em bru ta, cancheada e beneficiada. Como bebida é muito saudável e é usada também como chá, refresco e sorvete. O Instituto do Mate precisa olhar com mais carinho para a farta reserva de ervais que emolduram o oeste catarinense.

MILHO – O milho é sem a menor dúvida um dos grandes fatores de progresso da zona. Sendo um produto autóctone da América, foi depois levado aos demais continentes. Os nossos indígenas usaram-no abundantemente e por ocasião das colheitas realizavam festas em sua honra. Há inúmeras lendas que se criaram sobre a origem do milho. Este produto, além de contribuir para a nossa alimentação, sob diferentes modos, engorda porcos, aves e animais próprios para o transporte, tais como cavalo, burros e bois. Do milho não se perde nada. A palha da espiga de milho é usada no famigerado cigarro de palha. Os caules servem de alimento aos animais. São numerosos os seus derivados: farinha de milho, fubá, maisena, óleo, glicose, canjica, etc. Quem já visitou os grandes frigoríficos localizados no oeste catarinense não pode deixar de admirar-se da importante industrialização do suíno, que é quase exclusivamente criado com milho. Há dois anos, houve a mortífera peste suína que quase aniquilou a sua criação. Conforme mostra a estatística, é grandiosa a criação de suínos na zona. Nesse pequeno prazo de dois anos da peste, a criação foi quase restabelecida. Neste ano, graças à formidável colheita de milho que se aproxima, ela ultrapassará a qualquer previsão e os frigoríficos irão trabalhar sem cessar para abastecerem os grandes mercados do país, mormente as praças dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

FEIJÃO – O feijão é outro alimento indispensável para os habitantes da zona. Há muitas variedades cultivadas ali e o excedente é exportado para outras regiões do país.

MANDIOCA – Como a erva-mate e o milho, a mandioca é também originária da América. Os descobridores portugueses já a encontraram na alimentação do nosso índio. Ela também suscitou muitas lendas entre os primitivos habitantes da América. São muitos os derivados da mandioca: farinha, polvilho, tapioca, fécula, álcool, biscoitos de polvilho, etc. Serve de alimento ao animal. Quando o Brasil sofreu com a guerra a restrição do trigo estrangeiro, a farinha de mandioca integrou o célebre pão misto. Nem todos os municípios do oeste plantam mandioca.

BATATA – Mais conhecida por batatinha ou batata inglesa, para diferenciar-se da batata doce, é cultivada naquela zona e o excedente é exportado. Se não fossem as dificuldades do transporte, o oeste poderia abastecer grande parte do mercado brasileiro e com isso muitas divisas seriam poupadas com a importação de batatas estrangeiras.

FUMO – O fumo é outro produto autóctone da América. Os índios usavam-no e em torno dele criaram lendas. É um produto importante na zona, apesar da geada que ali é frequente. Chamo a atenção dos estimados leitores para dois clichês que aparecerão na parte referente aos municípios de Concórdia e Chapecó, onde a sua colheita é muito abundante. Ali, o fumo ainda não é industrializado. Além do consumo local, é exportado em rolos para outros Estados.

TRIGO – O trigo é o alimento básico de todas as civilizações, desde as mais remotas. Em nosso país é o alimento por excelência do povo. No Brasil Colônia produzíamos trigo para o nosso consumo e ainda sobrava algum para a exportação. Apesar dos acidentes de terreno, que não se presta muito para a mecanização da lavoura, o oeste catarinense vem galhardamente sustentando a magnífica campanha que o Ministério da Agricultura desencadeou para a nossa auto-suficiência do trigo. É astronômica a quantidade de divisas que saem para o exterior devido à importação de trigo em grão e farinha de trigo. Em todos os municípios do oeste catarinense o trigo floresce muito bem e a sua produção aumenta anualmente. Entretanto, julgo que o governo federal preocupou-se mais com o problema do aumento da produção e esqueceu-se do lado econômico da questão. Encontrei na zona muito desânimo, quer da parte dos moinhos, quer da parte dos plantadores. O governo federal tabelou o preço de venda do trigo em grão em Cr\$ 150,00 por saco e ao mesmo tempo permite a importação do trigo argentino à razão de Cr\$ 90,00. A diferença é brutal. Como os moinhos localizados na zona produtora poderiam enfrentar a concorrência dos moinhos estendidos pelo litoral, comprando trigo quase cem por cento mais caro? Chego a imaginar que existe um trabalho sub-reptício para aniquilar a promissora cultura do trigo no oeste catarinense por meio do desânimo. Do contrário, como se explicará que o governo estabeleça um preço alto para o trigo nacional e ao mesmo tempo importe o produto estrangeiro por preço muito inferior, justamente quando ainda estamos na safra do trigo nacional? Variada é a utilidade do trigo: farinha, pão, biscoitos, roscas, massas alimentícias, macarrão, etc.

UVA – Para esta riqueza da zona, chamo a atenção do gentil leitor para a tese sobre viti-vinicultura, escrita pelo especialista dr.

Arlindo Matos, que será inserta na parte dedicada ao município de Videira.

NOTA – Servi-me da “Geografia do Brasil”, do Prof. Ariosto Espinheira, para alinhar algumas das explicações sobre a produção vegetal.

MADEIRA

Ainda há imensas reservas de madeira de lei e pinho em todo o oeste catarinense. Entretanto, muitas serrarias fizeram de suas reservas de terra devastadas. Existem lá diversas qualidades de madeira de lei, como imbuia, cedro, canela, peroba, etc. O pinho é a madeira preponderante, cuja qualidade goza de boa reputação no mundo inteiro. Não há um só município do oeste catarinense sem as suas serrarias e importantes firmas exportadoras de madeira beneficiada. Visitei muitas delas, que primam pela técnica e contam com máquinas aperfeiçoadas.

Temos zonas ali onde já é tempo de se pensar no florestamento e reflorestamento. Uma riqueza assim tão importante não pode desaparecer de um dia para outro, cujas consequências são observadas nas erosões e na queda do volume d’água de alguns rios. Caçador foi o município pioneiro no Brasil da pasta mecânica. Em Joaçaba funciona uma importante indústria de celulose. Em ambos os municípios aparecerão informes sobre o assunto.

O governo federal, com a sua política de controlar a exportação de madeira para o exterior, tem ocasionado prejuízo vultoso para toda a região. As fotografias que aparecem no município de Caçador sobre o porto de São Francisco, mostram a madeira empilhada à espera de transporte e licença para exportação. Seu destino é apodrecer ao tempo. Chapecó e Concórdia, que fazem o seu comércio de madeira principalmente com o mercado platino, através do rio Uruguai, têm sofrido uma crise aguda, principalmente o primeiro. Se não fosse a fertilidade de suas terras e a prática da policultura, teriam de ver a sua população emigrar em massa.

Caçador é o município que mais sofre com a crise da madeira. Basta dizer que o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários está arrecadando menos do que distribui em benefícios aos associados. O número de desempregados aumenta e com isso vão aparecendo muitas doenças. Em alguns municípios, há importantes firmas que estão atrasadas na sua contribuição aos Institutos. Deixo, assim, registrada, palidamente, a crise que afeta diretamente uma das mais promissoras regiões do país, para que as autoridades competentes não desamparem os madeireiros, os quais são dignos de toda assistência.

Na conferência econômica de Araxá, o Sr. Édio Ortiga Fedrigo, em nome das classes produtoras do Estado, apresentou um estudo muito interessante sobre o problema madeireiro em Santa Catarina, cujas conclusões, data vênica, passo a transcrever:

- I – Melhor e mais fácil assistência financeira e de crédito à produção e indústria de madeiras.
- II – Melhoria dos meios de comunicação rodoviário, ferroviário e marítimos, com a consequente baixa nos preços de transporte e nas taxas portuárias, com garantia, ainda, do abastecimento de combustível (gasolina e óleo cru).
- III – Mais acentuado interesse por parte dos poderes públicos para o estabelecimento de convênios comerciais com os países compradores, na base de intercâmbio de compensação.
- IV – Simplificação e estabilidade das normas e regulamentos para o comércio com os mercados externos.
- V – Facilidade para a importação de maquinário que permita o desenvolvimento e melhoria de nossa produção madeireira.
- VI – Intensificação dos serviços de reflorestamento e proteção florestal.

Li algo sobre a história do Oeste Catarinense. Tomei alguns apontamentos para usá-los nesta apresentação. Muitos dos acontecimentos anotados eram merecedores de nossa simpatia para uma melhor compreensão do progresso daquela privilegiada região.

Desde o século XVIII, houve excursões sobre o território em foco. Houve a questão de limites com a Argentina e com o Estado do Paraná. Houve o famigerado movimento dos Fanáticos, à espera de um segundo Euclides da Cunha para pintá-lo em todos os seus matizes. Houve, ainda, os movimentos armados, como a Coluna Prestes, etc.

A zona conheceu inúmeros caudilhos, como Leonel Rocha, Fabrício das Neves. General Fidêncio de Melo, Fabrício Vieira e muitos outros, que foram taxados por alguns de nossos historiadores como rapinantes e bandidos. Agora, que o tempo já nos permitiu um estudo mais aprofundado e mesmo desapaixonado da sua atuação em um meio em formação, como era o oeste catarinense, é oportuno um reexame daquele fenômeno social. Encontrei naquele povo certa simpatia pelos seus caudilhos, os quais geralmente procuravam defender os interesses do caboclo ou sustentar princípios que os seus correligionários pregavam no R. Grande do Sul e do país. A verdade é que se os Estados Unidos tivessem vergonha do que houve na sua célebre marcha para o oeste, cujo desenrolar aparece eloquentemente nos filmes de “far-west”, jamais permitiriam que tal motivo corresse mundo, apesar do interesse que provoca no público tantas aventuras.

A princípio no oeste catarinense a lei era o trabuco. Vencia sempre o mais forte ou o mais ligeiro. Temos de reconhecer a fibra de seus colonizadores, cujo arrojo é bem uma página de heroísmo. Não há dúvida de que o progresso da civilização sempre exigiu destemor e espírito de aventura. A terra para produzir tem de ser antes sulcada e a mulher para procriar precisa primeiramente ser

violada.

A construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, cortando a rica região do vale do rio do Peixe, foi de fundamental importância para o seu desenvolvimento e estabilidade.

Em quase todos os municípios estudados neste livro aparece um pouco da história do oeste catarinense. Para que repetir nesta apresentação o que fica brilhantemente assinalado por outros colaboradores? Além do mais, o objetivo que me tracei foi divulgar aquela região e não empreender uma obra técnica ou especializada.

Realmente, só o movimento dos Fanáticos chega para empolgar qualquer pena! A politicagem e os interesses dos Estados de Santa Catarina e Paraná, armando os nossos ignorantes e místicos caboclos, prejudicaram-nos e prejudicaram também por algum tempo o progresso de toda a região.

Que diferença entre o verdadeiro monge João Maria de Jesus, o Santo, que tanta influência benéfica exercerá sobre o nosso caboclo; e o outro, José Maria, ex-praça do Exército e desertor da Polícia Paranaense!

Atualmente, o oeste catarinense é uma zona onde a sua gente tem a preocupação de produzir. Produzir e acumular riquezas. Por isso, o seu progresso é assombroso. Mas não devemos atribuir o milagre exclusivamente à liberdade de suas terras. Apesar da região ser uma das melhores do país, a sua população luta contra muitos obstáculos, como os acidentes de terreno, as enchentes, os incêndios, as pragas, os insetos, as pestes, etc.

O povo do oeste catarinense já escreveu a sua história, que é toda de luta. O presente é uma bela página de trabalho construtivo. Será difícil deduzir que o seu futuro será tão brilhante como o grandioso futuro que o destino reservou para a nossa estremecida pátria?

Prestei, no começo deste livro, uma homenagem ao Dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado, que, grande amigo do Oeste Catarinense, muito se interessou pelo maior êxito de minha iniciativa cultural.

Apresento a Doralécio Soares, técnico e chefe do serviço de clichê da Imprensa Oficial do Estado, os meus agradecimentos pela presteza e boa vontade que demonstrou na confecção dos clichês que ilustram este livro, todos executados sob a sua direção e competência.

Peço escusas pelas falhas e omissões contidas neste trabalho. Para faturá-lo o mais completo possível não me faltou nem teimosia e nem entusiasmo. Entretanto, muita gente não pôde ou não quis atender ao meu apelo tão insistente para me enviar os dados pedidos. A verdade é que não tive a preocupação de brilhar e nem de aparecer. Muito pelo contrário. Cheguei até a pôr de parte muito material colhido por mim para não sacrificar a unidade da obra; que é sem a menor dúvida um trabalho de equipe. A todos que direta ou indiretamente cooperaram comigo o meu muito obrigado. Muitos seriam dignos de um registro especial, mas o medo de alguma omissão obriga-me a não enumerá-los. Também muito agradeço a cooperação das firmas da zona e de fora que quiseram tão espontaneamente contribuir para uma melhor apresentação deste livro,

A todos, pois, sem distinção, o caloroso agradecimento de

Zedar Perfeito da Silva

Florianópolis, maio de 1950.